

As novas fronteiras tecnológicas entre intimidade e solidão

Juliana do Prado¹

Resenha do livro:

TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other*. New York, Basic Books, 2011.

Há 30 anos, quando Sherry Turkle iniciou seus estudos no MIT sobre cultura computacional, “o mundo mantinha certa inocência” – segundo suas palavras. É desse modo que a autora apresenta seu livro mais recente *Alone Together*, lançado em 2011. Sherry Turkle é professora de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia no Massachusetts Institut of Technology (MIT) e doutora, por Harvard, em Psicologia da Personalidade. Após passar alguns anos em Paris estudando como as ideias psicanalíticas tinham se disseminado pelo cotidiano francês, Turkle ingressou no MIT nos anos 1980 porque percebeu que algo similar acontecia com a linguagem dos computadores, que estava sendo utilizada para pensar sobre diversas esferas como política, educação, vida social e em uma analogia com a psicanálise – sobre o *self*. Enquanto seus colegas do MIT insistiam que os computadores eram apenas ferramentas, seus questionamentos procuravam entender como esses dispositivos mudavam as pessoas.

Em 1984, Sherry Turkle publicou *Second Self: computers and the human spirit*, livro em que aprofunda suas reflexões e traça um panorama subjetivo dos computadores pessoais, o que define sua marca como pesquisadora atenta para

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) – Bolsista Capes – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos – Brasil – ju.doprado@gmail.com

a inserção social da tecnologia e seus impactos subjetivos. Na década seguinte, em 1995, época em que se inicia a expansão da internet comercial nos Estados Unidos, suas reflexões apresentadas no livro *Life on the screen: identity in the age on the Internet*, se deslocam para a compreensão das identidades forjadas no universo online, atentando para as possibilidades de experimentação de identidades de modo positivo. Contudo, seu otimismo de 1984, embasado na crença de certa inocência, havia sido desafiado quando se deparou com uma série de pessoas que achavam suas vidas online mais satisfatórias do que suas “vidas reais”. Segunda a autora, a partir de meados da década de 1990, duas tendências tecnológicas se desenhariam e viriam a ser fundamentais: o desenvolvimento da robótica e sua inserção social e o avanço de uma vida totalmente conectada à internet – seja através dos desktops (também conhecidos como computadores pessoais ou computadores de mesa) ou através dos dispositivos móveis como celulares.

Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other, que completa uma espécie de trilogia, é inserido nessa vertente de reflexão sobre a tecnologia pelo viés da subjetividade e explora essas duas tendências que Turkle denomina como “história do amanhã”, referindo-se à promessa de relacionamentos de intimidade com robôs sociáveis, e “história de hoje”, referindo-se a uma vida amplamente conectada, que nos traz a possibilidade de mais controle sobre as relações humanas. O livro é resultado de observações durante os últimos 15 anos, acompanhado de uma extensa pesquisa com cerca de 450 pessoas, entre adultos, crianças e idosos, que alia método etnográfico com estilo clínico de fazer pesquisa. As reflexões, ilustradas pelos relatos que percorrem o livro, permitem entender como a relação com e através da tecnologia redesenha as fronteiras entre intimidade e solidão, na medida em que vai ao encontro de nossas vulnerabilidades – em especial com nossa demanda por relações de intimidade nas quais não haja propriamente um comprometimento exigido pelas relações humanas e desenvolvidas face a face.

A autora demonstra sua capacidade de fazer etnografia na primeira parte do livro, em que trata especificamente das interações entre humanos e robôs através de pesquisa realizada com crianças e idosos. A análise implicou desde a observação do desenvolvimento de sofisticados robôs em laboratórios científicos até sua distribuição em parques infantis e casas de repouso. O foco em crianças e idosos se fundamenta por serem gerações que futuramente estarão sujeitas à companhia de robôs sociáveis, sugerindo o que Turkle (p. 10) teme na sociedade americana: “nossa população está envelhecendo, haverá robôs para cuidar de nós. Nossos filhos são negligenciados; robôs cuidarão deles. Estamos exaustos demais para lidar uns com os outros na adversidade; robôs terão energia”.

E se robôs não fossem um tipo de vida, mas um tipo de performance? E se relacionar-se com robôs nos deixasse satisfeitos simplesmente porque nos sentiríamos mais no controle? Que tipo de relação com as máquinas é possível, desejável ou ética? Estes são alguns questionamentos que perpassam a obra e requerem refletir primeiramente de um ponto de vista histórico para identificar as mudanças na concepção de relacionamentos com robôs e verificar como poderão ser oferecidos como substitutos para nos conectarmos e nos relacionarmos com o outro. Dos anos 1960 até os anos 1980, o debate sobre os primeiros brinquedos de computadores se situava na discussão se eles poderiam ter inteligência, o que os tornaria “nossos vizinhos mais próximos”, se distinguindo apenas de nossa capacidade emocional. O posterior encontro de crianças com a introdução de simples robôs e brinquedos tecnológicos na década de 1990, como os Furbies e Tamagotchis – também conhecidos no Brasil como animais virtuais – propõe pensar para além, levantando aspectos relacionados aos sentimentos e necessidades desse tipo de artefato. A perspectiva de pensamento que rondava os primeiros brinquedos tecnológicos buscando respostas sobre se eram seres vivos e se tinham inteligência, cedeu lugar a novas práticas: as crianças da década de 1990 não queriam mais compreender esses objetos do ponto de vista de sua capacidade de pensar, mas sim cuidar deles de modo semelhante ao que é feito com animais domésticos, pois tornaram-se “vivos o suficiente” para alimentarem as expectativas de relacionamentos sociais.

A partir desse momento, as expectativas quanto aos robôs aumentaram e ensejaram novas tendências futuras, de modo que não serão vistos mais como máquinas apenas, mas como “criaturas”. E como criaturas poderão ser companhias, se relacionar exigindo e proporcionando cuidados, o que também revela sua capacidade terapêutica, principalmente em se tratando de pessoas que vivem ou passam grande parte do tempo sozinhas, como idosos e crianças que ficam em casa enquanto os pais trabalham. É deste ponto de vista que Turkle verifica o surgimento de um novo tipo de relação, sancionada por uma nova linguagem de cuidado: “nós pedimos à tecnologia para fazer o que costuma ser um ‘trabalho de amor’: cuidar uns dos outros” (Turkle, 2011: 107).

Nesse aspecto, a análise da autora vai de encontro a um ponto de vista sociológico da inserção de robôs na vida social. O fato de crianças e idosos serem os grupos mais vulneráveis e sujeitos a desenvolverem relações de companhia com robôs sociáveis é um forte indício de que a alocação de recursos destinados ao seu cuidado é uma escolha social, demonstrando que em sociedades de alto desenvolvimento econômico e tecnológico estes grupos apenas são uma preocupação social quando se decide que não há tempo ou recursos humanos para

atendê-los, relegando essa tarefa à tecnologia. Deste modo, a fascinação sobre essas máquinas que permeava as concepções desde seu surgimento se transforma em desejo de cuidar e nutrir relações – o que pode ser considerado uma vulnerabilidade social. Em síntese, na companhia de robôs, as pessoas sozinhas se sentem conectadas a um tipo novo de criatura, ou seja, vivendo na solidão, estabelecem novas formas de intimidade.

Apesar de atentar para vários detalhes sobre a inserção da robótica na vida social e, principalmente, como este tipo de tecnologia poderá alcançar nossas vulnerabilidades, o destaque maior de *Alone Together* está na sua segunda parte, em que Turkle analisa as relações mediadas digitalmente e desnuda uma série de elementos que as configuram nas sociedades contemporâneas. Aí fica mais visível sua sensibilidade de psicanalista, apresentando entrevistas em profundidade realizadas com adolescentes e adultos, as quais lhe permitem resgatar a discussão já efetuada em *Life on the Screen* sobre as formas de experienciar as identidades no universo online no sentido de constatar que estamos cada vez mais conectados, porém sozinhos.

O principal elemento analisado pela autora que compõe as relações estabelecidas pelas mídias digitais é o controle, que pode ser interpretado primeiramente pelo aspecto emocional, o qual vai ao encontro das nossas vulnerabilidades. Caracterizadas pela ilusão de companhia experimentada por meio da conectividade, essas relações têm sido atrativas na medida em que diminuem as chances de frustrações e comprometimento que tendem a acontecer com as relações face a face. O maior atrativo apontado pela maioria das pessoas entrevistadas por Turkle é a possibilidade de que pelas mídias digitais a comunicação seja feita de modo editado, reflexivo e racionalizado, o que tem justificado a aversão de seus colaboradores ao telefone, de tal modo que se relacionar mediado por uma tela de computador ou por meio de mensagens de celular se torna uma maneira de se esconder das fronteiras insuficientes de envolvimento estabelecidas pelas ligações telefônicas. A noção de se esconder supõe um estado no qual a pessoa está sozinha com seus pensamentos, mas em contato com uma fantasia quase tangível do outro, isto é, “na tela, você tem a chance de descrever a si mesmo como a pessoa que você quer ser, e imaginar os outros como você deseja que sejam, construí-los para seus propósitos” (Turkle, 2011: 88). Em outras palavras, online estamos presentes uns para os outros e é justamente o fato de estarmos sozinhos que se torna pré-condição para estarmos conectados.

Estar sempre conectado, portanto, também se torna sinônimo de manter a si mesmo e o outro no controle, sobretudo, nas relações entre pais e filhos adolescentes, que com idades entre 9 e 13 anos são presenteados com celulares

na tentativa de estabelecer um contrato de que devam atender às ligações. Contudo, a antipatia pelas chamadas telefônicas motiva a grande quantidade de mensagens de texto trocadas, na tentativa de manterem-se próximos. É nesse aspecto que Turkle observa uma característica peculiar das gerações que cresceram conectadas às mídias digitais: o rito de passagem que representa a separação da criança de seus pais é agora reinventado pela tecnologia, possibilitando a estes últimos o contato permanente ao passo de uma discagem ou mensagem de texto. Se for sempre possível manter-se em contato, quando os adolescentes cultivarão a habilidade de ficar sozinhos e com isso refletir sobre si mesmos autonomamente? As visões tradicionais sobre o desenvolvimento dos adolescentes tomam a autonomia e fronteiras pessoais como elementos de suma importância para a construção de um *self*, cuja capacidade de experimentar sentimentos é vista como algo independente e individual.

Para as gerações amplamente conectadas, entretanto, a tecnologia facilita a expressão de sentimentos enquanto ainda estão sendo formados, o que configura um estilo emocional no qual as emoções não estão completamente experimentadas até serem comunicadas e em consonância suscitar algum tipo de comentário ou *feedback*. É nesse sentido que em vários exemplos citados por Turkle, adolescentes compartilham sentimentos como parte de se descobrirem e com isso cultivam o que a autora denomina de *self* colaborativo. Com isso um novo cenário se apresenta e aponta para um aspecto aparentemente paradoxal a respeito das mídias digitais: se por um lado a conectividade promove uma espécie de solidão compartilhada entre os sujeitos, por outro ela dificulta o desenvolvimento da habilidade de ficar sozinho e refletir sobre os próprios pensamentos e emoções no privado (2011: 176).

Por conseguinte, a necessidade de manter-se conectado constantemente e realizar várias tarefas ao mesmo tempo denuncia ansiedades que organizam o uso das mídias digitais, de modo que vivenciar algo e não compartilhar no Facebook ou não ter o BlackBerry por perto é relatado pelas pessoas entrevistadas como uma dificuldade que, segundo a autora, se constitui em uma emergência contemporânea. Assim, Turkle identifica nos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, que ocorreram nos Estados Unidos, um grande impacto político e subjetivo que se relaciona à ansiedade que percorre os relatos que acompanham principalmente as gerações que foram educadas posteriormente. O trauma recorrente dos ataques ao World Trade Center em Nova York é parte da história da cultura da conectividade americana, haja vista que colocou a sociedade em um nível de vigilância sem precedentes sobre as pessoas e suas comunicações. Logo, “celulares se tornaram um símbolo de segurança física e emocional” (Turkle, 2011: 247).

Em suas abordagens sobre a robótica e relações mediadas digitalmente, *Alone Together* foi escrito para demarcar uma perspectiva subjetiva pouco atenta aos marcadores sociais da diferença que delimitam os usos da tecnologia, caracterizando-se como a obra de Turkle que apresenta uma visão incrédula sobre suas potencialidades sociáveis. A tecnologia representa uma oportunidade de refletir sobre valores e direcionamentos das relações sociais, nos preparando para incluí-la em vários âmbitos de nossas vidas, como trabalho, relações afetivas e familiares, com o intuito de preservar o contato que nos é mais caro nas relações humanas, porém de maneira a não correr riscos e a não se frustrar diante de expectativas que possam não ser atendidas.

A tecnologia, como sintoma de uma sociedade que permanece cada vez mais conectada, mas que não encontra tempo e espaço suficiente para cultivar uma reflexão solitária, aponta para a predominância de laços fracos que caracterizam as relações mediadas digitalmente. Como sonho, vislumbra um tempo futuro em que seja possível se relacionar com novas criaturas que estarão presentes para atender às nossas vulnerabilidades, evitar os riscos emocionais que as relações sociais têm oferecido de certo modo.

Referências

- CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 11, dez. 1999, pp. 117-123.
- RALEIRAS, Mónica. Recensão da obra “A vida no écran. A identidade na era da internet”, de Sherry Turkle. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, Lisboa, n. 03, 2007, pp. 113-116.
- RÜDIGER, Francisco. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 14, n. 2, mai./ago. 2012, pp. 155-163.

Recebido em: 25/02/2013

Aceito em: 28/02/2013

Como citar esta resenha:

- PRADO, Juliana do. As novas fronteiras tecnológicas entre intimidade e solidão. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, pp. 235-240.